



Fotografia
Contemporânea

PRESENCAS CONCRETAS, AUSÊNCIAS ABSTRACTAS

No mundo garrido de Rita Barros, as cores saltam das imagens. Só depois nos apercebemos das formas, dos objectos e dos seus fragmentos. Não é comum um fotógrafo pensar directamente a cores. O pioneiro William Eggleston descobriu que a América profunda era bastante colorida, e foi à procura de situações (composições) insólitas. Martin Parr usa a cor como uma caricatura da sociedade de consumo. (O preto e branco eram os valores da Grande Depressão.) Rita Barros limita-se a olhar à sua volta. Muitas vezes, nem precisa de sair de casa. A história do fotógrafo-viajante é um mito; a viagem mais extraordinária está na imaginação de cada um. Rita Barros pensa nas cores e elas aparecem onde menos se espera. Antes de decifrarmos o objecto, regozijamos com o vermelho da lâmpada (uma homenagem ao Red Room de Eggleston?), o verde do selim, o dourado do sapatinho, a sinfonia cromática da toalha. Faz-me lembrar o júbilo da pintura de Matisse.

A maior parte das imagens são naturezas-mortas domésticas, mas vislumbra-se um mundo para além da intimidade do lar. Há cortinas entreabertas para a tijoleira urbana de Nova Iorque; há uma televisão ligada (mas sem sinal). A casa é habitada – a cafeteira está ao lume, a chávena de café foi posta na mesa – mas quem lá vive está ocupado algures, fora do campo da fotografia. As pessoas foram substituídas por ícones: Che, Santo António, uma máscara de tranquilidade Zen, uma santa a emergir das conchas, como a Vénus do Botticelli. Aqui e acolá, adivinham-se uns braços e mãos anónimos, que mais parecem pinças robóticas ocupadas com trabalho mecânico: um par de braços enfiados no lava-louças, a concha da mão à volta do isqueiro.

A ausência e o silêncio propagam-se à cidade. Que é feito dos passageiros do metro, o transporte público por excelência em Nova Iorque? A carruagem está vazia, e a cadeira da sala abandonada – esse epítome da presença-ausência – há muito que deixou de ser usada. (Notar como o espaldar e as pernas da cadeira rimam com os painéis de vidro das janelas.) Parafraseando a quadra de Augusto Gil, esta cadeira sem dono, lembra-me o dono sem ela.

Há também uma intimação de fim, ou mesmo de morte – na cor esverdeada, na degradação dos materiais. O tempo escorre, e as chamas das velas e do isqueiro, a TV aos riscos e as rosas flácidas na jarra são outras tantas ilustrações do memento mori. Rita Barros joga com a presença de objectos concretos para definir a ausência dos seus donos e utilizadores. A presença é factual e objectiva; a ausência é uma abstracção.

Estas fotografias são uma defesa convincente da banalidade. Tal como John Constable, Rita Barros parece que nunca viu uma coisa feia em toda a sua vida. Afinal, tudo merece ser fotografado... para se ver como fica no retrato. Na câmara de Rita Barros, fica bem. A celebração democrática do banal é acentuada pelo close-up do pormenor: do selim para o cadeado; do tecido para o botão, etc. Rita Barros manobra a escala e joga com a oposição entre o pequeno e o grande. É o pormenor – e não o todo – que é apresentado em formato panorâmico, como se a artista quisesse apagar a visão do conjunto e varrer o tempo. A cor, essa continua triunfal.

Jorge Calado